RESUMO
Este trabalho discute a relevância da educação e da ética como elementos essenciais para a formação humana. Partimos do princípio de que a educação vai além da mera transmissão de informações ou conteúdo; trata-se de um processo formativo que deve contemplar a integralidade do ser humano. Nesse sentido, a ética se apresenta como um componente indispensável na construção de sujeitos conscientes e responsáveis. A fundamentação teórica deste artigo baseia-se em autores que defendem um modelo de formação integral, no qual a ética é um elemento estruturante do processo educativo. Trata-se de uma abordagem bibliográfica e qualitativa, cuja importância reside na possibilidade de ampliar a compreensão da educação, levando em consideração uma visão holística do ser humano. Assim, busca-se apontar caminhos que promovam uma prática educativa mais ampla e significativa. Dessa forma, concluímos que uma educação voltada à formação humana não se limita à preparação técnica ou acadêmica, mas precisa incorporar valores éticos que possibilitem a participação ativa dos indivíduos na sociedade. Pensar a educação é, portanto, pensar a totalidade do ser humano, garantindo que o aprendizado seja, não apenas um acúmulo de conhecimento, mas um instrumento de transformação pessoal e social.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Ética, Integralidade.

ABSTRACT:
This work discusses the relevance of education and ethics as essential elements in human formation. We start from the principle that education goes beyond the mere transmission of information or content; it is a formative process that must consider the entirety of the human being. In this sense, ethics emerges as an indispensable component in the construction of conscious and responsible individuals. The theoretical foundation of this study is based on authors who advocate a model of integral formation, in which ethics is a structuring element of the educational process. It is a bibliographic and qualitative approach, whose importance lies in the possibility of expanding the understanding of education, taking into account a holistic vision of the human being. Thus, the aim is to identify paths that promote a broader and more meaningful educational practice. Therefore, we conclude that an education aimed at human formation is not limited to technical or academic preparation but must incorporate ethical values that enable individuals to actively participate in society. To think about education is, therefore, to think about the entirety of the human being, ensuring that learning is not merely an accumulation of knowledge but an instrument for personal and social transformation.

Keywords: Education, Ethics, Integrality.

INTRODUÇÃO

Uma das verdades mais substanciais sobre o ser humano é que ele nasce indefeso. Sua sobrevivência depende do amparo, proteção e cuidado de outro ser humano que geralmente já se encontra em uma fase de maturação mais independente. Isso revela uma outra verdade fundamental: diferentemente dos animais, o homem não nasce determinado, pronto e acabado. Seu desenvolvimento como ser humano acontece sempre na relação com o outro, por meio da interdependência.

Assim, evidencia-se que os aspectos biológico, social e cultural se configuram como elementos essenciais para compreender o desenvolvimento humano em todas as suas dimensões. Dessa forma, destaca-se o homem como um ser social e histórico, cujo desenvolvimento ocorre na interdependência e no intercâmbio. Um dos meios mais eficazes para garantir esse desenvolvimento é a educação, que se inicia no seio familiar e se torna mais estruturada e intencional por meio da escola, instituição que hoje se apresenta como um espaço privilegiado para a

construção de saberes historicamente elaborados.
A educação é própria dos seres humanos ou, como observou Freire (1999, p. 43): "não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio. " Dessa forma, a educação constitui um dos mecanismos mais indispensáveis para o processo de formação humana, um processo que, por sua vez, dura a vida inteira. Isso significa que a formação humana, por meio da educação, é uma tarefa essencialmente contínua, ocorrendo em todas as instâncias da sociedade.

Desde a família, primeiro núcleo social no qual nos relacionamos com o outro, passando por diversas instituições, tais quais, a escola (instituição formal de ensino), as religiões, associações, clubes esportivos, comunidades em que vivemos, entre outros, é que acontecem processos educativos em nossas vidas (ALVES, 2016, p. 2).

A educação é, portanto, um processo de formação humana que deve ir além da transmissão de saberes sistematizados, preocupando-se com a formação integral do indivíduo e preparando-o para a vida em sociedade. No processo educativo, é essencial haver um compromisso com a sociedade, o que implica uma educação ampla, fundamentada no conhecimento crítico, na integração social e no engajamento contra injustiças e desigualdades.

A educação tem sua ação na cognição, no desenvolvimento motor, sensorial, psíquico e social do indivíduo, sendo também seu próprio processo de humanização. Por este motivo, surge a necessidade em ofertá-la da melhor forma possível, garantindo qualidade, e de maneira que possibilite e/ou oportunize um convívio cortês e respeitoso entre as pessoas, bem como o favorecimento de seu intelecto. Assim sendo, espera-se que o ser humano tenha capacidade de discernir e viver em comunhão com seu próximo, baseado nas lições e nos valores que estruturam sua vida. (ALVES, 2016, p. 3).

Por trás de todo processo pedagógico, há uma antropologia filosófica que sustenta uma visão de homem. É essa visão que delimita o tipo de formação desejada e a compreensão da sociedade que se busca construir. Portanto, é urgente que a educação não seja vista apenas como transmissão de informações, mas como um processo de formação humana. Como afirma Piaget (1998, p. 33): "a educação é, por conseguinte, não apenas uma formação, mas uma condição formadora necessária ao próprio desenvolvimento natural. "
Além disso, o ato educativo acontece para além dos muros da escola. Isso não significa que o processo educativo, por extrapolar os limites escolares, desqualifique a escola como espaço privilegiado para uma formação mais formal. No entanto, o processo educativo não se encerra na escola, pois continua em outros espaços que possuem um impacto significativo na vida do ser humano.

Estando a educação onde há vida humana, não se limitando às instituições formais de ensino, podemos conferir sua realização nos espaços não formais e/ou informais. É fato sua ocorrência nos núcleos não formalizados, que extrapolam a escola, mas que de certa forma vivem a educação, proporcionando também o desenvolvimento dos indivíduos, pois, direta ou indiretamente se ocupam em educar e consequente a isto formam também valores na sociedade (ALVES, 2016, p. 4).

Dessa forma, compreende-se que o processo educativo se desenvolve de maneira contínua à medida que o ser humano interage e convive com o outro. Assim, é fundamental que as instituições responsáveis pela mediação do conhecimento compreendam a dimensão social e humana do processo educativo.
Diante dessas reflexões, surge a seguinte questão: como a ética pode contribuir para a formação humana? Para responder a essa problemática, este artigo tem como objetivo principal compreender a educação como um processo de formação humana. Além disso, busca-se compreender a ética como um elemento fundamental para estabelecer uma educação que valorize o ser humano em sua

integralidade.
Para atender a esses objetivos, optou-se por um percurso metodológico pautado na abordagem qualitativa, por meio de uma revisão bibliográfica. Como afirmam Lakatos e Marconi (2003), esse método permite o aprofundamento dos pressupostos teóricos de autores que discutem a temática em questão.
Nesse contexto, conclui-se que só se pode falar de educação como um verdadeiro processo de formação humana quando ela prepara os sujeitos para a vida social. Portanto, é essencial adotar uma perspectiva ampla da educação, que vá além da mera transmissão de conteúdo. Para que um processo formativo seja realmente eficaz, a ética deve estar presente, pois educação e ética são inseparáveis e uma não pode acontecer sem a outra.

O QUE É A EDUCAÇÃO?

A história demonstra de maneira evidente que a educação sempre ocupou um lugar central na formação de um povo. Conforme Kant (1999, p. 11), "o homem é a única criatura que precisa ser educada", o que reforça a ideia de que a educação é um elemento essencial para a formação humana. Dessa forma, “a proposição é uma assertiva sobre a educação, e a sua relação com o ser humano é assumida como princípio fundante” (RODRIGUES, 2001, p. 240). A educação torna-se, portanto, indispensável para o desenvolvimento humano, pois, como afirma Kant (1999, p. 15), “o homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz. ” Isso evidencia que a formação humana por meio da educação resulta de um ato intencional que visa imprimir no indivíduo o melhor da humanidade.
Diante do exposto, Saviani (2013, p. 13) argumenta que "o trabalho educativo busca 'produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens'". Essa perspectiva permite pensar na educação como um processo que transforma o ser humano, de uma criatura biológica, em um ser de cultura e de sociedade. Esse processo só se torna possível por meio da educação, através de um ato intencional “imposto de fora sobre uma criatura que deve ser formada como ser humano” (RODRIGUES, 2001, p. 241).
Nesse sentido, compreende-se que a educação é inerente aos seres humanos e tem como propósito a formação da humanidade. Pode-se afirmar que todo povo que atinge determinado grau de “desenvolvimento sente-se naturalmente inclinado à prática da educação e esta, por sua vez, pertence essencialmente à comunidade” (JAEGER, 2013, p. 1). Assim, ninguém está imune à educação. Seja em casa, na rua, na igreja ou na escola, em maior ou menor grau, todos somos envolvidos por ela, seja para aprender, ensinar ou para aprender-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação (BRANDÃO, 2006).
Da família à comunidade, a educação se manifesta de maneira difusa entre as inúmeras práticas de aprendizado. Inicialmente, sem salas de aula, sem livros e sem professores especialistas; mais adiante, estruturada em escolas, com docentes e métodos pedagógicos próprios (BRANDÃO, 2006). Assim, compreende-se que a vida em sociedade exige um modo de viver que só se torna viável a partir de uma relação dialógica entre indivíduos, o que depende essencialmente da educação. Para tanto, é fundamental promover uma educação voltada à formação de cidadãos éticos, ou seja, de homens e mulheres que buscam um comportamento justo na vida pública e uma atuação responsável na aplicação dos conhecimentos e habilidades no espaço onde a vida acontece, sempre com vistas ao bem comum.
Dessa forma, reforça-se que as ações educativas devem ter como propósito a formação de sujeitos éticos. Acreditamos que, por meio da educação, é possível alcançar uma formação integral do sujeito-cidadão, o que implica refletirmos sobre a construção da formação humana. Afinal, é através da educação que o homem consegue desenvolver suas potencialidades e aprimorar, de maneira intencional, valores que o auxiliam em sua integração social.

ÉTICA E EDUCAÇÃO: ALGUMAS CONSIDERA-

ÇÕES

De acordo com Singer (2018); Vázquez (2018) e Nagel (2011), muito se discute a respeito da diferenciação entre ética e moral sob alegação de que a ética se configura em uma reflexão filosófica sobre a moral, e que a moral, por sua vez, seria os costumes, os hábitos, os comportamentos dos seres humanos, as regras de comportamento adotados pelas comunidades. Porém, do ponto de vista da história da filosofia, a diferença entre ética e moral inexiste, uma vez que a moral é a tradução latina para a palavra grega original ética.

Outra confusão recorrente quando se fala em moral é pensar nela como sendo uma forma de punição, condenação ou restrição da nossa liberdade. O que não passa de um equívoco, pois a moral começa propriamente quando somos livres, quando nenhuma punição é possível, "ela é essa liberdade mesma, quando se julga e se comanda" (COMTESPONVILLE, 2009, p. 17).

Peter Singer (2018) em seu livro Ética Prática chama atenção para outros equívocos que, muitas vezes, se tem a respeito da ética. Dentre esses, o autor assinala para o postulado de que o principal tema da ética é o sexo. Quando se pensa na ética é quase que instintivo associá-la à moralidade sexual, o que de certa maneira tem gerado inúmeras controvérsias, porque a questão da sexualidade continua sendo um tabu para muitas famílias e educadores. Não só isso, Singer (2018, p. 19) argumenta que "em relação ao predomínio dessa noção limitada de moralidade, popularizou-se a opinião de que ela seria um sistema de proibições puritanas e irritantes cuja função básica seria a de impedir as pessoas de se divertirem".

Não obstante, Singer (2018) ainda apresenta outro equívoco que vê a ética como uma boa teoria, mas que não funciona na prática, ou seja, um sistema ideal de grande nobreza na teoria, mas inaproveitável na prática. Assim, é cabível saber que um juízo ético que não é bom na prática se deve ressentir também de um defeito teórico, pois a questão fundamental dos juízos éticos é orientar a prática. Em outras palavras, essas duas (teoria e prática) não se separam, quando há esse discurso percebe-se uma inexistência de ambas.

Tendo elencado esses equívocos, cabe então conceituar a noção de ética. Para tal, nos apropriamos do posicionamento de autores como Vázquez (2018), Singer (2018) e Comte-Sponville (2009), por compreenderem que tradicionalmente a ética é tida como uma disciplina da filosofia, conhecida por filosofia moral, que enfrenta, dentre muitas questões, o problema de saber como devemos viver. Não obstante, etimologicamente, a palavra "ética" origina-se do termo grego ethos, que significa "o conjunto de costumes, hábitos e valores de uma determinada sociedade ou cultura" (MARCONDES, 2007).

Seguindo este mesmo raciocínio, Vazquez (2018, p. 23) define a ética como sendo "a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade''. Ou seja, é ciência de uma forma específica de comportamento humano. Quanto à moral, Comte-Sponville (2009, p. 20) compreende que é.

> O conjunto do que um indivíduo se impõe ou proíbe a si mesmo, não para, antes de mais nada, aumentar sua felicidade ou seu bem-estar próprios, o que não passaria de egoísmo, mas para levar em conta os interesses ou os direitos do outro, mas para não ser um canalha, mas para permanecer fiel a certa ideia da humanidade e de si.

Neste sentido, a moral deve responder sempre à pergunta: o que devo fazer? E não "o que os outros devem fazer", porque a moral só é legítima na primeira pessoa. A não ser que se admita que existe um Deus que é o fundamento da moral. Disto compreende-se que a ética não cria a moral, uma vez que a ética é a ciência do comportamento moral dos homens na sociedade.

Não obstante, a ética e a moral abarcam um campo muito amplo, permeando praticamente todos os ramos do saber. Sua relação com a busca do conhecimento é quase que intercambiáveis, ou, como bem coloca Enkvist (2019, p. 16), "desde Sócrates, saber em que consiste a verdade é a condição para agir de maneira virtuosa, porque o mundo do verdadeiro conhecimento e do ato virtuoso é apenas um, ou, dito com outras palavras, a epistemologia e a ética são duas facetas da mesma coisa".

Assim, a ética, na sua forma mais prática, busca em última instância estudar as relações e o comportamento dos homens em sociedade. A ética está relacionada à ação. Deste modo, tudo o que o ser humano faz tem relação com a ética, inclusive o ato educativo, porque cada vez que o homem age faz suas escolhas éticas e nisso inclui a nossa relação com o outro.

Pode-se dizer que seu objeto de investigação é o comportamento humano em sociedade, mais especificamente o comportamento moral, sendo este constituído pelas ações humanas. A palavra ética vem do grego ethos que pode ser definido como "modo de ser" ou "caráter" e a partir dela é que aspectos como proteção, guarida, hospitalidade, podem ser estabelecidos (CAMARGO, 2013, p. 81).

Por ser também um ser histórico, o homem se constrói na relação com o outro e nessa relação vai adquirindo as virtudes relativas à ética. Para este processo a escola é crucial, visto que por meio da educação atua, promove e dissemina de maneira explícita as questões éticas, de modo a garantir um ambiente escolar caracterizado pelo respeito, pela verdade e pelo acolhimento ao outro. Não só isso! Considerando que a educação deve se preocupar também com a formação do cidadão, a ética se torna fundamental para este processo, como já salientamos em outros momentos do texto.

Neste sentido, a educação visa à formação do homem integral de modo a prepará-lo para a sociedade. "A ética oferece suporte educação ao auxilia-la a responder as questões que a preocupam, por exemplo, que tipo de homem se pretende formar, para que sociedade esta formação deve estar direcionada" (CAMARGO, 2013, p. 81). Assim, é fundamental que esse processo formativo ocorra de maneira clara e rigorosa, assim como ter bem definidos os valores que devem ser adotados, visto que valores, normas e julgamentos morais fazem parte de qualquer sociedade e se constroem na relação com o outro no percurso histórico.

Adere-se aos valores morais por meio da convivência, na relação que se estabelece com o outro. Pelo fato de em algumas situações essas normas de convivência ou valores serem impostas sem necessariamente o consentimento de todos e sem uma reflexão prévia, faz com que a escola, como espaço de reflexão, auxilie os indivíduos na problematização de tais questões de modo a se encontrar sempre os melhores caminhos a serem trilhados.

É por isso que por meio da reflexão ética que se pode julgar as ações, visto que os comportamentos humanos ou a moral não é algo que se constrói de maneira isolada ou arbitrária, mas num esforço conjunto por meio da convivência social. Aquilo que é estabelecido pela sociedade como mecanismos para uma boa convivência deverá passar também pelo crivo do indivíduo. Este, que por sua vez, atribui valor a essas normas que são impostas ou não, afinal é,

Por meio da moral que o indivíduo as praticará ou não, tudo depende do valor que é dado a esse comportamento. Com isso, cada cultura estabelece os que serão os padrões a serem seguidos e a partir de um já existente novo vão se constituindo (CAMARGO, 2013, p. 83)

Os valores morais carregam consigo uma força considerável, ou seja, eles ditam como deve ser o comportamento do indivíduo dentro da sociedade. Isso não significa que não podem ser desobedecidos. Por isso é necessário que se tenha consciência desses valores. A consciência aqui é definida como sendo "saber de si para consigo" (COMTE-SPONVILLE, 2009, p. 21). Isto quer dizer que estar em regras com a sociedade não dispensa o indivíduo de estar em regra consigo mesmo, com sua consciência. Ou como bem observou Comte-Sponville (2022):

Toda moral é relação com outro, só que de si consigo. Agir moralmente é levar em conta os interesses do outro, por certo, mas 'sem que os deuses e os homens saibam', como diz Platão; em outras palavras, sem recompensa nem castigo possível e sem necessitar para tanto de nenhum outro olhar além do seu mesmo. (Comte-Sponville 2022, p.19)

Está implícito nessa ideia de consciência o direito de escolha, o que de certa maneira possibilita uma responsabilização dos atos. Somente quando se admite que se tem liberdade de opção e de decisão é que se pode responsabilizar alguém pelos seus atos. Em outras palavras, não se pode responsabilizar alguém pelos seus atos quando se elimina da equação o princípio da liberdade. Não obstante, "de modo geral, as escolhas estão envolvidas por valores morais que foram estabelecidos na sociedade em que se insere. " (CAMARGO, 2013, p. 83).
Ora, por valor se entende esse reconhecimento ou atribuição que o homem dá à determinada coisa (por exemplo, considerando-as belas, justas ou sagradas), o que nos leva a termos uma atitude favorável para com elas no que se reflete em nossos atos e escolhas. Os valores podem ser entendidos a partir de posturas objetivistas, que alegam que as coisas são valiosas independentemente de as valorizarmos ou não, e as subjetivistas, que consideram as coisas valiosas simplesmente porque as valorizamos. Colocado de outra maneira,

O valor não é propriedade dos objetos em si, mas adquirida graças à sua relação com o homem como ser social. Mas, por sua vez, os objetos podem ter valor somente quando dotados realmente de certas propriedades objetivas (VÁZQUEZ, 2018, p. 141).

Deste modo, infere-se que os valores se constroem na relação entre objetivo e subjetivo. Não obstante, é na relação entre indivíduos que acontece a construção dos valores, e nisso cada pessoa passa a ser norteada pelos valores que adquire e constrói nessa interação com seu semelhante.
A preocupação atual com os valores se dá pelo fato de as sociedades passarem por inúmeras transformações e, evidentemente, pelo modo como elas se organizam diante do processo de globalização. Lipovetsky (1989), sociólogo francês, define a nossa era como sendo a época do vazio e do efêmero. Nas palavras de Enkvist (2019):

Ora, a educação que quer sempre agradar não protege o indivíduo das decepções, mas sim gera jovens vulneráveis e facilmente frustráveis. São tão livres que já se chegou a afirmar que estão sem obrigações nem sanção ou "sem lei". A grande libertação da sociedade tradicional parece não ter trazido consigo a felicidade, mas a ansiedade e a frivolidade. (Enkvist, 2019, p. 29)

Diante disso, constata-se que a relativização da moral, em absoluto, pode gerar consequências desastrosas no processo formativo, uma vez que não se poderá estabelecer parâmetros que possam orientar de forma clara esse processo. Deste modo, a moral não pode ser algo que somente a sociedade deve ter, e não necessariamente o cidadão, visto que para o sociólogo Lipovetsky (1989, p. 54) isso seria o mesmo que "desresponsabilizar o cidadão", uma vez que apenas o Estado supostamente tem responsabilidade.
Para Lipovetsky (1989) as normas dadas tanto pelas famílias quanto pela educação não são suficientemente claras para a segurança do indivíduo. Este, por sua vez, por não se apoiar em algo chamado tradição, sente-se ansioso e cansado, pois tem que tomar muitas decisões que, às vezes, o deixa indeciso. Ainda, o sociólogo assinala o consumo como sendo outro problema da nossa era, incluindo as mercadorias, as experiências, as distrações e as emoções. Tudo é caracterizado por não exigir esforço algum, nem qualquer responsabilidade.
É nesse rol em que a escola existe para propiciar e assegurar de maneira respeitosa a transmissão dos valores que são caros à convivência e imprescindíveis para a formação integral do ser humano. É necessário que a escola esteja ciente de que é composta por inúmeras culturas, ou até mesmo que o ser humano é extremamente complexo, o que torna, deste modo, cada escola diferente das demais. A escola deve prezar por aquilo que é mais indispensável: priorizar valores como justiça, bondade, lealdade, respeito, entre outros. Deste modo, enfatizamos que no que tange à formação humana tanto a educação quanto a ética são indispensáveis.

O MAL-ESTAR DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: A ÉTICA COMO ELEMENTO INDISPENSÁVEL NA FORMAÇÃO INTEGRAL DO SU-

JEITO.
As transformações que ocorrem na sociedade reconfiguram os valores morais, refletindo diretamente na organização social e, consequentemente, na visão adotada sobre moralidade. Essa realidade impacta diretamente o processo formativo do cidadão, visto que a educação deve sempre colocar a moral em perspectiva. No entanto, isso não significa eliminar o caráter permanente da busca pelo conhecimento e pelo viver virtuoso.
Como bem observou Enkvist (2019:

Desde Sócrates, saber em que consiste a verdade é a condição para agir de maneira virtuosa, porque o mundo do verdadeiro conhecimento e do ato virtuoso é apenas um, ou, dito com outras palavras, a epistemologia e a ética são duas faces da mesma coisa. (Enkvist 2019, p. 16).

Ao longo da história, essa lógica sofreu inversões. A relação quase indissociável entre conhecimento e virtude foi se enfraquecendo, levando a novas formas de caracterização da sociedade, como as chamadas "sociedades líquidas", "era do vazio" e "sociedade do self". Nesse contexto, o ensino de uma ética explícita muitas vezes é visto como doutrinação ou imposição. Contudo, se a educação é um processo de construção humana, a ética – relacionada à ação e expressa nas escolhas, valores e interações – torna-se imprescindível para a formação do indivíduo.
Com o avanço tecnológico e a expansão da comunicação em massa, os valores normativos perdem força e passam a priorizar mais o indivíduo isoladamente, reforçando a subjetividade e rompendo com valores tradicionais. A educação, portanto, enfrenta um dilema: deve transmitir os conhecimentos socialmente construídos enquanto lida com valores em constante transformação que afetam diretamente o desenvolvimento do indivíduo. Como pontua,

Na sociedade contemporânea, principalmente com os avanços tecnológicos e expansão da comunicação em massa, os valores morais tidos como normativos estão perdendo suas forças, eles passam a priorizar muito mais o indivíduo isoladamente, ou seja, a subjetividade impera neste momento de maneira a romper com os valores até então estabelecidos, e é neste cenário que a educação atua, pois ao mesmo tempo em que necessita transmitir os conhecimentos socialmente construídos, depara-se com a eclosão de novos valores que se modificam rapidamente e interferem no desenvolvimento do indivíduo. (Camargo, 2013, p. 81).

Diante desse cenário relativista e individualista, onde espaços e visões de mundo são compartimentados e os valores relativizados, a subjetividade do indivíduo ganha maior importância do que o pensamento coletivo, gerando impactos na educação e na escola. Charles Taylor (2011) observa que, apesar do desenvolvimento contínuo em várias áreas do conhecimento, a sociedade moderna experimenta um declínio, um “mal-estar”, no qual o individualismo assume papel central. Segundo ele:

Nós vivemos em um mundo no qual as pessoas possuem o direito de escolher por si mesmas o próprio modo de vida, de decidir conscientemente quais as convicções abraçar, de determinar o formato de sua vida em uma série de maneiras que seus antepassados não podiam controlar (Taylor, 2011, p. 12).

Esse direito à autodeterminação é uma conquista civilizatória, garantida pelos sistemas legais que protegem os indivíduos contra sacrifícios em nome de uma ordem supostamente superior. No entanto, Taylor (2011, p. 12) ressalta que muitos ainda sentem ambivalência em relação à liberdade moderna, pois: "A liberdade moderna foi ganha por nossa fuga dos antigos horizontes morais. As pessoas costumavam se ver como parte de uma ordem maior."
O desencanto com essa ordem tradicional levou à perda de um propósito maior, antes considerado essencial. Como ele afirma: "Tal perda de propósito estava ligada a um estreitamento. As pessoas perderam a visão mais abrangente porque se centraram na vida individual." (TAYLOR, 2011, p. 13).
Isso resultou em uma sociedade mais per-

missiva e na prevalência do "narcisismo", caracterizando a geração do “eu”. O lado negativo desse individualismo é o egocentrismo, como observa Taylor (2011, p. 14): "O centrar-se em si mesmo tanto nivela quanto restringe nossa vida, tornando-a mais pobre em significado e menos preocupada com os outros ou com a sociedade."

Diante desse contexto, a escola enfrenta um grande desafio: para que a educação cumpra seu papel formativo, não deve se limitar à mera transmissão de conteúdo. É preciso encontrar formas de desenvolver uma educação ética, entendendo-a como uma prática social da qual o ser humano é parte essencial. Assim, a relação entre ética e educação se torna imprescindível no processo educativo, permitindo que os indivíduos se formem não apenas como agentes de conhecimento, mas como cidadãos conscientes de seu papel na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão desenvolvida ao longo deste trabalho evidenciou que a educação, para além de um processo técnico de transmissão de conteúdos, é essencialmente uma prática voltada à formação integral do ser humano. Ao considerar a ética como elemento estruturante desse processo, compreendemos que educar é também cultivar valores, desenvolver a consciência crítica e promover a autonomia dos sujeitos em sociedade. A verdadeira educação não pode ser reduzida a um acúmulo de informações descontextualizadas. Quando desvinculada da ética, a prática educativa corre o risco de perder seu caráter humanizador, transformando-se em um simples mecanismo de instrução. Nesse sentido, é urgente resgatar o papel da educação como um espaço de desenvolvimento pessoal, social e cultural, onde o saber esteja integrado ao agir responsável e solidário.

Também foi possível perceber que a moral e a ética, embora distintas, caminham juntas no processo educativo. Enquanto a moral refere-se aos comportamentos socialmente estabelecidos, a ética remete à construção consciente de princípios que orientam a ação humana. A educação, portanto, deve promover o diálogo entre essas dimensões, incentivando o aluno a refletir criticamente sobre seus atos e o contexto em que está inserido. Além disso, destacou-se a importância de superar modelos pedagógicos fragmentados, que separam conhecimento e experiência, razão e emoção. A escola precisa assumir uma postura integradora, em que diferentes áreas do saber dialoguem entre si, favorecendo uma compreensão mais ampla da realidade e contribuindo para a formação de sujeitos completos. A personalização do ensino também foi apontada como um caminho promissor. Ao reconhecer as singularidades dos estudantes e valorizar suas vivências, a educação torna-se mais significativa e eficaz. Dessa forma, não se trata apenas de instruir, mas de formar indivíduos capazes de agir com responsabilidade, empatia e consciência social. Em síntese, conclui-se que a ética deve ser um princípio norteador de toda proposta educativa que vise a formação plena do ser humano. A educação, ao incorporar valores éticos em seu fazer cotidiano, cumpre seu papel de transformação social e contribui para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e solidária. Por isso, é fundamental que educadores, instituições e políticas públicas estejam comprometidos com uma concepção de ensino que valorize o ser humano em sua totalidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Janaina Bastos. Educação e a formação humana. In: Encontro Estadual de História, 8, 2016, Feira de Santa, 2016.

ARANHA, M. L. de A. História da Educação. São Paulo: Moderna, 1996

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CAMARGO, Marcela Pedroso de. Ética e educação: reflexões sobre os valores morais. Revista filosofia capital, v. 8, 15 ed., 2013.

COMTE-SPONVILLE, André. Apresentação da filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ENKVIST, Inger. Educação: guia para perplexos. Campinas, SP: CEDET, 2019.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro, paz e Terra, 1999.

JAEGER, Werner Wilhelm. Paideia: a formação do homem grego. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KANT, Immanuel. Sobre a pedagogia. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

LIPOVETSKY, Gilles. A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: Relógio D'Água Editores Ltda, 1989.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E.M. Fundamentos de metodologia científica. 5 ed. São Paulo: Atlas S.A, 2003.

MARCONDES, Danilo. Textos básicos de ética: de Platão a Foucault. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

NAGEL, Thomas. Uma breve introdução à filosofia. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

PIAGET, Jean. Para onde vai a educação? Tradução: Ivete Braga. 14 ed. Rio De Janeiro: José Olimpio, 1998.

PINHEIRO, Victor Sales. A indelegável educação dos filhos. Publicado no Jornal O Liberal de 26. junho.2016. Disponível em: < h t t p s : / / w w w . d i a l e t i c o . c o m . br/2018/10/11/a-indelegaveleducacao-dos--filhos/>. Acesso 22 mai 2025.

RODRIGUES, Neidson. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. Educação e Sociedade, ano XXII, n. 76, out., 2001.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SINGER, Peter. Ética prática. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

TAYLOR, Charles. A ética da autenticidade. São Paulo: É realizações Editora, 2011.

VÁZQUEZ, Sánchez Adolfo. Ética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.